

# Ayrton Senna: A construção da narrativa da história do piloto como ídolo do automobilismo mundial

**Graziella Cataldo**

Jornalista e mestranda do curso de Comunicação Social da UERJ, dentro da linha de pesquisa Novas Tecnologias e Cultura

76

**Resumo:**

Com base na biografia do piloto de Fórmula Um, Ayrton Senna, este artigo pretende analisar e discutir os recursos utilizados no livro “Ayrton Senna - A face do Gênio” na construção da história do piloto rumo ao posto de ídolo do automobilismo mundial, ainda no início de sua carreira.

**Palavras-chave:** biografia, idolatria, automobilismo

**Abstract:**

*Based on the Formula One car racer's biography, Ayrton Senna, this article intends to analyse and discuss the resources used in the book “Ayrton Senna – The Genius face” in the making off of the car racer's history on his way to the car racing idol post, still in the beginning of his career.*

**Keywords:** *biography, idolatry, car racing*

## INTRODUÇÃO

Este artigo pretende analisar os recursos utilizados na criação da figura mítica do ídolo do automobilismo mundial Ayrton Senna, a partir da biografia “Ayrton Senna - A face do Gênio”, onde o autor Christopher Hilton descreveu o início de carreira do piloto até ano de 1991, quando se torna o mais jovem tricampeão da história da Fórmula Um e reconhecido como melhor piloto desde Jim Clark, falecido em 1968.

O livro reúne depoimentos do próprio Senna, além de amigos, adversários e colegas de equipe.

“Retrata sua crescente maturidade enquanto conquistava o terceiro campeonato mundial; acompanha-o de perto, depois disso, enquanto ele colocava seu talento formidável e suas enormes habilidades na disputa contra Nigel Mansell e Alain Prost. Além disso inclui um estudo único - extremamente pungente, agora - do efeito de Senna sobre suas fãs. Poucos esportistas geraram tamanho impacto.”

Com base nesta biografia que retrata o início da carreira desse mito do esporte, pretendemos analisar como foi surgindo a construção desse herói logo no início de sua vitoriosa trajetória. Ao analisar a biografia de um ídolo esportivo, é importante fazermos uma distinção entre os ídolos do esporte e de outros universos, como música e dramaturgia.

77

“Enquanto os primeiros freqüentemente possuem características que os transformam em heróis, os do outro universo raramente carregam estas qualidades. A explicação para este fato reside no aspecto agonístico, de luta, que permeia o universo do esporte. O “sucesso” de um atleta depende do “fracasso” do seu oponente. É uma competição que ocorre dentro do próprio universo do espetáculo. Ambos, ídolos do esporte e ídolos da música, se transformam em celebridades, porém, só os ídolos do esporte são considerados “heróis.” (Helal, 2001, p. 136).

Edgar Morin (1980) e Joseph Campbell (1995) mostram uma diferença entre as celebridades e os heróis. Os primeiros vivem somente para si, enquanto os heróis devem agir para “redimir a sociedade”. Para Hook (1962, p. 29) “(...) quem quer que seja o herói, ele se destaca de um modo qualitativamente único dos outros homens na esfera de sua atividade e, ainda mais, que o registro das realizações em qualquer setor é a história dos feitos e pensamentos de heróis”. Portanto, a partir dos feitos, depoimentos e realizações de Ayrton Senna, pretendemos observar como foi sendo construída sua saga ao posto de herói ainda no início de sua carreira. Apesar do livro analisado neste trabalho focar a história de Senna somente até o ano de 1991, é importante contextualizarmos, citando a morte trágica e prematura desse ídolo do automobilismo mundial, ocorrida no dia 1º de maio de 1994, durante o Grande Prêmio de San Marino, na Itália. Mesmo após sua morte, Ayrton Senna continua sendo idolatrado, depois de se consolidar como um dos maiores ídolos do automobilismo mundial de todos os tempos.

## A HISTÓRIA DE AYRTON SENNA

Ayrton Senna da Silva nasceu em São Paulo, em 21 de março de 1960 e morreu no dia 1º de maio de 1994, num grave acidente na curva Tamburello, durante o Grande Prêmio de San Marino, na Itália. A morte do ídolo foi acompanhada por milhares de espectadores, comovendo o mundo inteiro. Filho de Milton e Neide, Senna era o filho do meio e tinha dois irmãos. Viviane, a primogênita, é psicóloga e hoje responsável pelo Instituto Ayrton Senna e o caçula Leonardo, que também cuida dos negócios deixados pelo irmão.

Senna era de origem rica, o pai Milton tinha uma grande empresa de autopeças com aproximadamente 750 empregados e cerca de dez fazendas e um total de 400.000 hectares com mais de 10.000 cabeças de gado. A família vivia numa casa grande, no bairro Santana, na zona norte da cidade de São Paulo. Com quatro anos de idade, Ayrton ganha o primeiro kart feito por seu pai à mão e passou a brincar no quintal dos fundos e em parques públicos. Pela primeira vez, aos sete anos, Ayrton Senna dirige sozinho o jipe do pai na fazenda da família.

Três anos depois, Senna tinha um kart mais potente, mas só poderia competir legalmente a partir dos treze. Então, a cada fim de semana, ele pilotava numa pista chamada Parque Anhembi. A primeira corrida de karts foi em primeiro de julho de 1973 em Interlagos. Ayrton Senna sempre contou com o apoio da família muito unida e rica e com o patrocínio do pai que lhe deu o primeiro kart.

Depois passou para a categoria internacional de 100cc e em 1977 venceu o Campeonato Sul-Americano no Uruguai. Também foi campeão brasileiro por quatro vezes. Talvez inconscientemente seguindo uma certa lógica, veio para a Europa em 1978, que seria o lugar central para todas as formas de automobilismo internacional, exceto pelos tradicionais Campeonatos Americanos. Da Silva, como era conhecido no início da carreira, já vinha disputando corridas de Kart no Brasil e fez contato com a fábrica DAP em Milão, dizendo que queria correr no Campeonato Mundial e quanto custaria. Ele pagou e duas ou três semanas antes fez alguns testes em Parma, a cerca de uma hora de Milão. Em seguida, acabou disputando o Campeonato Mundial de Kart, em Le Mans, no centro da França, mas não venceu, ficando em sexto lugar.

Em 1979 ele voltou, fez uma ótima temporada e participou de um grande encontro que acontecia todo mês de maio, em Jesolo, no Golfo de Veneza. Era a maior corrida depois do Campeonato Mundial. Nessa época ele já era conhecido como um bom piloto. Desde o início, já demonstrava sua obsessão pela vitória, sempre queria vencer, ser o mais rápido e segundo o próprio Senna: “Eu nunca mudei minha motivação. Sempre quis vencer, sempre quis ser o primeiro. Essa é a melhor maneira de prosperar nesse negócio – se não a única.”(p. 19).

Ainda em 1979, se casa com uma jovem brasileira, Liliane, separando três anos depois. Após participar e vencer vários campeonatos de Kart, em 1980, Senna aos vinte anos decide subir de categoria e se apresenta à porta de um escritório no circuito de Snetterton, um lugar bastante modesto no calmo distrito rural de Norfolk e pede para pilotar um Fórmula Ford 1600, que mais tarde o levaria à Fórmula Ford 2000 (1982), depois à Fórmula Três (1983) e finalmente à Fórmula Um (1984).

Depois de conquistar o título do Campeonato Townsend Thoresen, pela Fórmula Ford 1600, em 1981, Senna retorna ao Brasil e desiste de pilotar, pois estava desiludido com a falta de patrocínio para continuar, além de seu pai precisar de ajuda na fábrica. De outubro de 1981 até fevereiro de 1982, ele tentou ajudar o pai nos negócios. Ayrton foi para a Universidade de São Paulo estudar Administração. Segundo conta Casseb, um amigo de Senna, “Seu pai queria que ele parasse de correr e o ajudasse na fábrica, então Ayrton foi, para não desapontá-lo. Mas o pai sentiu que ele estava mesmo infeliz e decidiu dar outro empurrão em Ayrton.” (p. 23). Dennis Rushen, chefe de equipe de Fórmula Ford 2000, relembra no livro:

“houve muita pressão por parte do seu pai, que não desejava que ele corresse, dizia que isso era bobagem, e coisa e tal. Durante o inverno Ralph Firmin e eu discutimos sobre alguém para substituir Tommy Byrne na Fórmula Ford 2000 e Senna era a pessoa ideal. Ralph fez mais do que eu para tê-lo de volta. Ralph costumava telefonar pra ele e dizer: - Aqui está ótimo”. (p.41).

“Quando decidimos entrar na 2000, em 1981, contatamos Rushen Green para guiar o nosso carro”, diz Firmin, responsável pela equipe Van Diemen. “Agora, em 1982, Ayrton decidiu que gostaria de competir nele. Ele me telefonou...”(p. 41). Sem dúvida Ayrton Senna era aceito e voltava de vez para o automobilismo, conquistando vários títulos e em 1991 se tornando o mais jovem tricampeão da história da Fórmula Um até a sua prematura e trágica morte três anos depois.

#### **SINGULARIDADE: O TALENTO E A PAIXÃO POR CARROS.**

Assim como os heróis, Senna possuía um talento nato e um “dom” muitas vezes incompreendido ou surpreendente. Observamos essas características em várias passagens do livro, por exemplo, ao revelar sua paixão por carros, desde cedo. “Ayrton foi uma criança normal, mas desde garotinho gostava demais de dirigir. Quando Ayrton tinha quatro anos seu pai construiu para ele seu primeiro kart feito à mão.” (p. 12).

O dom surpreendente começa a ser revelado aos sete anos de idade, quando dirige sozinho o jipe de seu pai, na fazenda da família. Sem que ninguém o ensinasse, ele estava mudando de marcha sem usar a embreagem. Casseb, amigo de Senna, narra com detalhes esse acontecimento no livro. “O pai não acreditou no que estava vendo, era tão espantoso! Ayrton não estragou o jipe.

Como era um motor antigo, seria necessário apertar a embreagem muito forte, de modo que Ayrton estava indo da primeira para a segunda, terceira e quarta sem ela.” (p. 13). O livro mostra uma coincidência entre Senna e Jim Clark, que escreveu sobre seus anos de infância:

“Lembro-me de me interessar por coisas mecânicas, como a maioria dos garotos, apesar de não me sentir particularmente interessado em automobilismo. Creio que fui impelido a dirigir e aos veículos, a princípio, mas por causa de um interesse por seus motores que por sua capacidade de velocidade. Quando era um garotinho eu corria a aproveitar qualquer oportunidade de pular sobre um trator e dar uma voltinha. Por causa dessa curiosidade mecânica quase insaciável, eu provavelmente sabia quase tanto sobre os nossos tratores quanto os trabalhadores da fazenda que os dirigiam.”(p. 13).

Senna era considerado o melhor piloto desde Jim Clark, também já falecido. No livro Ayrton aparece descrito como um homem que tem um talento quase misterioso. “Você simplesmente não pode entrar em carros que não são familiares, como ele fez – FF 1600, FF 2000, Talbot, Porsche, Mercedes, Ford Cosworth, Metro, Nova, F3, F1 turbo e aspirado – e fazê-los andar rápido logo na primeira vez, sem um verdadeiro talento natural.”(p. 220). Essa concepção de talento inato também pode ser encontrada no universo do futebol. Ronaldo Helal trata desta questão em vários artigos como “As idealizações de sucesso no imaginário brasileiro: um estudo de caso”, ao analisar a biografia de Zico, um dos grandes ídolos do futebol brasileiro nas décadas de 70 e 80. No artigo “Idolatria e malandragem: a cultura brasileira na biografia de Romário”, também remete novamente o assunto do talento inato ao comparar as biografias de Zico e Romário, já que ambos possuem este dom, mas que se diferem nas questões referentes à ênfase dada a noção de disciplina, já que Romário pode ser considerado um jogador polêmico, indisciplinado, “malandro” e irreverente, enquanto Zico é o exemplo de disciplina, esforço e determinação.

No universo da música podemos citar, a cantora Tina Turner(2), que já demonstrava seu talento desde criança, na época em que cantava no coral da Igreja. Todos esses astros possuíam um talento inato um “dom” surpreendente desde a infância e se destacavam por isso. “Esta concepção de talento como dom inato, de natureza inexplicável, faz com que possamos aproximá-lo das categorias do tipo mana descritas por Maus (1974). Mana é justamente a característica das coisas indizíveis, atributo daquilo que é mágico”. (Helal e Coelho, 1996, p. 57). Mana também pode ser entendida como atributo de individualidade. Esses mitos são retratados como indivíduos únicos, singulares porque são dotados de talento, o que os tornam diferentes dos demais.

A singularidade presente nesses ídolos também pode ser aliada ao fator “sorte”, presente no “acaso”, onde são levados ao estrelato por “descobridores”, mas a história de Senna é diferente da maioria dos astros, pois foi seu pai quem sempre o incentivou e o patrocinou no início de sua carreira. “Desde criança, o único gosto que provou foi o da vitória. Seu pai patrocinou-o porque estava

no negócio de autopeças...Devo dizer que, em todas as pistas brasileiras em que Ayrton esteve, ele quebrou todos os recordes. Até agora esses recordes não foram batidos.” (p. 13).

“É relevante observar que nas biografias de heróis e ídolos da música e do esporte geralmente são enfatizados um certo abandono ou alguma perda ou dificuldade séria na infância. Não que estas dificuldades não sejam verdadeiras. Mas o fato de a mídia enfocá-las com intensidade nos fala de uma “necessidade” na construção da narrativa da saga do herói, que contribui efetivamente para o processo de identificação dos fãs, dos seguidores, com o ídolo” (Helal, 1998, p. 141).

Neste aspecto, a história de Ayrton Senna difere da maioria dos outros ídolos, já não teve nenhuma perda na infância e nem o passado difícil, pois vinha de uma família rica. Seu pai era dono de uma fábrica de autopeças, com cerca de 750 funcionários e proprietário também de mais de dez fazendas. Segundo o depoimento de Maurizio Sala, que competia com Senna desde os tempos do Kart:

“Ayrton vinha de um background diferente, conseguiu o primeiro kart porque seu pai lhe deu. Ele tinha... bom, não uma vida fácil, mas uma vida melhor por causa do dinheiro. Seu pai era muito rico mas, por favor, compreenda que isso nunca mudou o caráter de Ayrton - só que ele nunca teve que se preocupar com dinheiro.” (p. 14).

81

Ao contrário de Tina Turner, por exemplo, que foi abandonada pela mãe na infância e fica aos cuidados da avó, Senna sempre foi muito unido com a família, que sempre o apoiou.

“Fui privilegiado ao crescer num ambiente saudável. Minha família me deu essa oportunidade e sempre esteve por trás de mim. Quando tenho algum problema, alguma pergunta, tenho pessoas em quem confio, para quem posso me voltar. Sei que já se falou muito sobre o papel de minha irmã na minha carreira. (Ela é psicóloga.) Mas, de fato, é toda a minha família que tem um enorme papel. Sou muito chegado a meus pais, meu irmão e minha irmã. Minha irmã tem três filhos, e isso é a coisa mais linda que pode acontecer a você na vida.”(p. 15).

Em relação a boa formação familiar, o piloto pode ser comparado a Zico, outro grande ídolo do esporte. Como observamos, Senna não possuía um passado difícil, o que é sempre valorizado pela mídia quando se trata de figuras heróicas, então podemos dizer que ele foi levado ao posto de herói na ordem das coisas inexplicáveis como seu talento inato, vocação extraordinária, carisma, além de sua grande determinação, fazendo com que o ídolo seja visto como um ser singular, mítico e especial por se diferenciar dos demais.

No livro, Ayrton Senna aparece caracterizado como “tímido, desajeitado, encantador, submetendo-se selvagemmente a uma única idéia, campeão mundial numa atividade impiedosa, e todo tipo de adjetivos se enquadrava a ele, bem como à sua obsessão.”(p. 3). Essas características de Senna criam uma grande identificação com seus fãs, que podem nutrir a esperança de um dia se tornarem heróis. Podemos explicar esse fato a partir do mito do Superman, de Umberto Eco .

“(...) O Supermam vive entre os homens sob as falsas vestes do jornalista Clark Kent; e como tal, é um tipo aparentemente medroso, tímido, de medíocre inteligência, um pouco embaraçado, míope, súbulo da matriarcal e mui solícita colega Míriam Lane, que, no entanto, o despreza e está loucamente enamorada do Superman (...) através de um óbvio processo de identificação, um accountant qualquer de uma cidade norte-americana qualquer, nutre secretamente a esperança de que um dia, das vestes da sua atual personalidade, possa florir um super-homem capaz de resgatar anos de mediocridade.” (Eco, 1979, p. 247 e 248).

Além do inegável talento, outras características como dedicação, profissionalismo e concentração podem ser atribuídas a esse mito. Para isso destacamos o depoimento do projetista Steve Nichols sobre o tempo que esteve com Senna na McLaren.

”No carro ele tinha um botão que controlava o reforço e um que controlava vários outros circuitos no motor, chamado ajuste de misturas, mas era muito mais complicado do que isso: controlava temperatura do ar, mistura de combustível, ajustes de ignição, de modo que havia várias combinações. Ele lembrava todas essas combinações, em que posição estavam os botões, qual teve que efeito na economia de combustível. Em resumo, ele tinha dois botões, um com oito posições e um com cinco posições, e lembrava todas as combinações e que efeito produziam – e tudo isso enquanto pilotava o carro muito, muito rápido.” (p. 220).

82

Selecionamos também o comentário de Rory Byrne, projetista da Toleman, que assistiu um teste de Ayrton num TG 183, no ano de 1983, em Silverstone, para essa equipe. “–Senna é o cara. – Ele tinha a habilidade, mesmo naquele estágio e naquela idade, de saber o que o carro estava fazendo, sabia o que queria que o carro fizesse e sabia conversar com um engenheiro. Ele é brilhante, a gente simplesmente tem que tê-lo”. (p. 81). Pilotar em pistas molhadas era outro grande atributo de Ayrton Senna. “Seu controle era tão sensível que os outros poderiam patinar sobre as ondas que os carros espalhavam; ele nunca. Isso levará diretamente a uma performance, numa tempestade em Mônaco, tão consumada em sua bravura e habilidade que as pessoas ainda falam a respeito.” (p. 37). Podemos perceber ao usar a palavra bravura para se referir a Senna, reforça ainda mais seu caráter heróico, ao tentar ultrapassar os obstáculos, mesmo correndo riscos.

Senna tinha uma grande obsessão pela vitória e queria sempre ultrapassar limites. “Quero ganhar sempre. Essa história de que o importante é competir não passa de demagogia (Ayrton Senna, setembro de 1985)”. (Lins, 1995, p. 17). “Não tenho nada a perder. Vou pilotar o mais rápido que puder para vencer. É assim que gosto de dirigir. Gosto do desafio de correr para ganhar. É uma coisa que me estimula”. (p. 158).

Em outra passagem do livro ele diz: “Preciso estabelecer para mim meus próprios limites. Quando alcanço esses limites fico querendo superá-los e estabelecer novos. Ainda não sei até onde posso ir. Eu tenho uma compreensão do

que estou fazendo, mas não sei até onde isso vai me levar.”(p. 207). “Sou um obsessivo de modo positivo. Eu tenho um impulso natural muito forte, mas isso não é uma coisa doentia, não é uma doença.”(p. 208). Em uma declaração de Alain Prost podemos observar sua opinião sobre a obsessão de Ayrton pela vitória. “Eu estava completamente certo de que iria vencer a corrida ou ter um acidente como esse. Eu sabia que ele queria absolutamente vencer. O problema com Ayrton é que ele não consegue aceitar não vencer, e não consegue aceitar que alguém resista a um movimento de ultrapassagem.” (p. 160). Segundo Campbell (1993, p. 131), o herói ao vencer “realizou alguma façanha além do nível normal de realizações. É alguém que deu a própria vida por algo maior do que ele mesmo.”

Lins (1995, p. 19-20) explica que a busca da vitória é uma forma de simbolizar o impossível real e que para o místico ou para o santo do deserto, ela seria a vitória sobre a morte, sobre a carne, sobre o mundo visível e ordinário dos homens, sobre o medo, sobre os limites, sobre o humano. Ele ainda cita Lacan (1964), onde essa busca pela vitória poderá também ser apreendida como uma tentativa de exorcizar ou afugentar a fascinação pela morte. Fascinação que coloca o piloto na esfera do real, que para Lacan, significa o impossível a enfrentar, a suportar. Assim como a tourada, a Fórmula Um é um dos raros esportes onde a encenação da morte pode terminar numa tragédia.

Uma outra singularidade de nosso herói é a religião. Prost declara: “Ayrton tem um pequeno problema. Ele pensa que não pode se matar porque acredita em Deus, e eu acho que isso é muito perigoso para os outros pilotos.”(p. 147) e Senna replica: “Esses são os pensamentos dele, são suas conclusões e suas palavras. Elas não refletem absolutamente minhas crenças.”(p. 147). Em outras declarações de Senna podemos confirmar a forte crença em Deus. “Se você tem Deus a seu lado, tudo se torna claro: o branco se torna branco novamente, o preto se torna preto, e você percebe o que é importante na vida”. (p. 156). “Tenho condições de experimentar a presença de Deus na Terra. Se vou à igreja, vou sozinho, e gosto de ficar sozinho, lá. Assim encontro mais paz.”(p. 209). Essa forte ligação do piloto com Deus o torna ainda mais singular, dando-lhe muitas vezes um caráter místico. Quando perguntado sobre sua carreira Senna responde:

“Fisicamente posso continuar por muitos, muitos anos. Estou em boas condições físicas. Só depende dos limites de minha mente. Quando não estiver mais estendendo esses limites será tempo de ir embora. Não vou continuar quando souber que passei da minha melhor fase, e só conseguir resultados medíocres. Não vou me permitir isso.” (p. 210).

Parece até que Ayrton estava prevendo como terminaria sua carreira, em sua melhor fase e fazendo o que mais gostava. Foi o que realmente aconteceu, o herói morreu jovem e em “combate”. Podemos utilizar o mito da morte de Aquiles para ilustrar esse fato.

“Enfrentar no campo de batalha os adversários mais aguerridos é pôr-se à prova numa competição de coragem, em que cada um tem de mostrar quem é, provar aos outros sua excelência, uma excelência que culmina na façanha guerreira e encontra sua realização na “bela morte”. Assim, em pleno combate, em plena juventude, as forças viris, a bravura, a energia e a graça juvenil intactas jamais conhecerão a decrepitude da velhice (...) Aquiles escolhe a morte na glória, na beleza preservada de uma vida extremamente jovem. Vida encurtada, amputada, encolhida, e glória imorredoura. O nome de Aquiles, suas aventuras, sua história, sua pessoa mantêm-se para sempre vivos na memória dos homens, cujas gerações se sucedem de século em século, para desaparecerem todas, uma após a outra, na escuridão e no silêncio da morte.” (Vernant, 2000, p. 97).

Assim como Aquiles, Senna continua vivo na memória de todos, principalmente daqueles que puderam comprovar e o eleger como um dos melhores pilotos da história do automobilismo mundial.

### PRIVACIDADE: O HERÓI SOLITÁRIO

“Ele é muito solitário, muito. Quando volta para seu hotel ele se sente realmente só.” (p. 208). “Pelo menos 24 horas na maior parte dos dias ele está concentrado em corridas, e quando volta para si próprio como ser humano, ele sente um vazio ao redor”(p. 5). Os depoimentos de Paulo Casseb, amigo de infância de Ayrton Senna, fazem com que haja uma maior identificação dos fãs com o ídolo, ao perceber que Senna era um simples mortal como qualquer um, que ri, chora, sente dor e tem muitos momentos de solidão. Assim como os relatos de Casseb, vários outros descrevem Ayrton como uma pessoa reservada, solitária, tímida, mas com um grande senso de humor.

“Poder, honra, corpo em disparada, riqueza material, carisma, gozo imaginário, amplexo místico – o ídolo de ouro sofre, no seu exílio interior, de sua glória, de sua solidão incompreendida, da paixão de ser um outro. Um outro não apenas de carne e osso, mas o Outro da linguagem, o Outro enquanto significante.”(Lins, 1995, p. 19).

Além de sentir o drama de ser dois, já que sua existência parece dilacerada entre a vida pública e a privada esse dilema ainda é maior quando Senna namora a apresentadora de programa infantil, Xuxa Meneghel. “Minha namorada é ainda mais famosa do que eu no Brasil, porque tem um programa muito popular na televisão. Quando vamos ao cinema e as luzes se apagam, é uma coisa mais acessível pra nós – estar incógnitos.”(p. 208). Senna acha importante estabelecer um equilíbrio entre a vida privada e a profissional e em 1990 declara:

“O tempo nos mostra, à medida que progredimos, diferentes perspectivas de vida. Alguns anos atrás eu não tinha tempo pra nada nem pra ninguém fora das corridas. Hoje eu não apenas tenho o tempo mas preciso do tempo pra minha família, meus amigos e, particularmente, pra minha namorada. Eu me organizo pra alcançar o equilíbrio exato entre minha vida privada e profissional porque apenas assim, equilibrando os dois lados de mim mesmo, posso dar o melhor de mim.”(p. 177-178).

Outra questão referente a dualidade da vida do ídolo diz respeito a escolha do nome definitivo “Ayrton Senna”. “No Kart ele seria chamado Silva; na Fórmula Ford 1600, de Da Silva, se bem que também receberia o apelido de “Harry”; na Fórmula Três decidiria usar apenas “Ayrton Senna”. (“Tem um monte de Silvas no Brasil, e não muitos Sennas”, ele dirá sorrindo travesso como um moleque)” (p. 9). Senna ganhou o apelido de Harry, porque a pronúncia Ayrton Senna da Silva era difícil para a maioria dos ingleses e a aquisição de um apelido sempre significa aceitação na Inglaterra. A partir do momento em que o piloto escolhe como nome definitivo “Ayrton Senna”, já começa a pensar na importância desse nome como sua “marca”. O comentarista esportivo, da Rede Globo de Televisão, Galvão Bueno ainda completou denominando o piloto de “Ayrton Senna do Brasil”, reforçando ainda mais a importância desse ídolo para a consagração mundial do esporte brasileiro.

### PROVAÇÕES E OBSTÁCULOS AO POSTO DE HERÓI

Para alcançar o posto de herói é preciso passar por diversas provações, ultrapassar obstáculos e retornar de sua missão dividindo sua glória com seus semelhantes. Assim como os heróis, Senna também passou por provações. Logo no início da carreira pensou em desistir por falta de patrocínio e começou a estudar Administração para ajudar o pai nos negócios, mas o reconhecimento de seu talento, profissionalismo, dedicação por parte de alguns chefes de equipe, além do seu fascínio pelas pistas fez com que ele retornasse.

Em 1989, após o Campeonato Mundial de Fórmula Um da FIA (Federação Internacional de Automobilismo), mais uma vez Ayrton pensa em abandonar o automobilismo, quando a FISA, órgão regulador do automobilismo, resolve multar em 100.000 dólares e o suspender por seis meses, devido as acusações sobre seu comportamento que o consideravam como um piloto “que põe em risco a segurança dos outros” (p. 3) em virtude das batidas com Schlesser, em Monza, 1988, com Berger, no Rio, em 1989 e com Mansell, em Portugal. Senna se defende dizendo que não causou os acidentes. “Quando tudo está contra você, você se pergunta por que precisa continuar, particularmente quando não foi tratado com justiça. Pensei em parar(...)” (p. 162). Segundo Campbell (1995, p. 40) “aquilo que acontece no intervalo durante o qual o herói deixa de existir – necessário para que ele volte renascido, grandioso e pleno de poder criador.”

Ayrton Senna comenta no livro o que fez desistir de abandonar as pistas.

“Eu cheguei longe rapidamente, e quando você chega nesse nível, jogar tudo fora não é uma decisão fácil. Eu teria parado, mas iria frustrar muita gente. Para muitos fãs nós somos uma espécie de sonho, é assim que eles querem nos ver. É um mundo diferente para eles, e um modo diferente de viver – não é uma realidade, e sim um sonho. Você tem alguma influência sobre as vidas dessas pessoas, você consegue um entusiasmo genuíno por parte de pessoas que nunca encontrou. Eles vêem muitas coisas positivas, e dá um sentimento bom ver as pessoas assim.” (p. 166).

Além de pensar em abandonar a carreira, Senna também passou por outro calvário particular ao enfrentar problemas conjugais, pois se casou muito jovem, terminando o casamento três anos depois, em 1982, na mesma época em que tinha pensado pela primeira vez em desistir da carreira. Keith Sutton, amigo de Senna relembra como era a relação do casal. “Acho que, na época, ele tinha alguns problemas com a esposa. Só estava casado desde o mês de fevereiro anterior. Ela era muito nervosa. Dava pra ver. Parecia ficar muito nervosa com as corridas. Não creio que ele pudesse lidar com esse tipo de pressão. Quero dizer, ele era totalmente dedicado a correr.”(p. 42). Esses fatos relatados no livro como os problemas conjugais e o drama de abandonar a carreira parecem desempenhar uma função essencial para a identificação do público com os seus ídolos, já que o sofrimento humaniza-os e os aproxima das pessoas comuns. O talento inato e as dificuldades enfrentadas pelos ídolos na trajetória rumo ao sucesso, os tornam ainda mais especiais e míticos, já que essas são condições essenciais para se alcançar a glória e se tornar um herói.

## CONCLUSÕES

86

As narrativas a respeito da trajetória de vida dos ídolos rumo à fama e ao estrelato apresentam características muito semelhantes. Em quase todas podemos observar a ênfase num passado difícil, perdas na infância, aliadas ao talento inato que surge desde cedo, além de provações e obstáculos que os candidatos a herói devem ultrapassar. Para Campbell (1995, p. 15), quando se trata da narrativa em torno da figura do herói “é sempre com a mesma história – que muda de forma e não obstante é prodigiosamente constante – que nos deparamos.” Apesar das semelhanças é importante destacarmos algumas diferenças que merecem ser observadas ao analisarmos a biografia de Ayrton Senna.

Como já foi dito anteriormente, Senna não teve um passado difícil, por ser de origem rica e nem perdas na infância. Ao contrário, sempre contou com o apoio da família. A grande semelhança com os outros ídolos reside no fato do seu talento inato ser revelado desde cedo e por ter passado por algumas provações e obstáculos, quando pensou em desistir da carreira e quando enfrentou problemas conjugais, pois se casou muito cedo e logo depois se separou. Essas condições adversas são consideradas necessárias para se alcançar o posto de herói. Portanto, esses fatos narrados no livro poderiam ser usados como um recurso na identificação dos fãs com o ídolo, já que o sofrimento o humaniza e o torna mais próximo das pessoas comuns.

Outros fatores como por exemplo, a forte ligação de Senna com a religião, fazia com que ele fosse visto muitas vezes como místico, dotado de um grande poder, dando-lhe um caráter ainda mais singular. Além do seu talento inato que surpreendia a todos e lhe dava ainda mais singularidade, já que pode ser considerado na ordem das coisas inexplicáveis. Podemos aliar também o seu jeito tímido e solitário, provocando maior identificação com seus fãs.

Ao analisar a biografia de Zico, Ronaldo Helal (2001) o comparou ao modelo mais próximo do herói clássico, universal, com base numa narrativa que enfatizava a superação constante de obstáculos e a vitória conquistada com muito trabalho, determinação e obstinação.

“Assim, a biografia de Zico ao enfatizar, de forma peremptória, o sucesso através do esforço e do trabalho, junta-se aos modelos de heróis mais próximos das sociedades anglo-saxônicas, permeadas por uma ética única do trabalho e do indivíduo. Este modelo é antagônico ao padrão predominante na construção da idolatria nas narrativas, por assim dizer, “oficiais” – nas quais a mídia é o instrumento legitimador – no Brasil. Aqui, temos freqüentemente um ideal “essencializado” de seres “moleques” e “irreverentes.” (Helal, 2001 p. 147).

A partir da análise da biografia de Ayrton Senna, poderíamos compará-lo ao modelo de herói clássico, assim como Zico, por seu sucesso estar ligado diretamente a fatores como determinação, profissionalismo, talento, dedicação e muito treino. Ronaldo Helal (2001) chama a atenção para o fato de mesmo não seguindo este padrão “oficial”, a biografia de Zico, e neste caso, poderíamos considerar também a de Ayrton Senna, como sendo uma vertente brasileira. “Posto que se faz sucesso é porque “cola” com os anseios da comunidade”. (Helal, 2001, p. 147). E assim como disse Helal, é importante não deixar de lado as outras narrativas que não sigam este modelo “oficial”, pois elas podem revelar faces do Brasil.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CAMPBELL, Joseph. *O herói de Mil Faces*. São Paulo. Cultrix, 1995.
- \_\_\_\_\_. MOYERS, Bill. O poder do mito. São Paulo: Palas Athena, 1993.
- ECO, Umberto. *Apocalípticos e Integrados*. São Paulo: Perspectiva, 1979.
- HELAL, Ronaldo. *Idolatria e malandragem: a cultura brasileira na biografia de Romário*. In: ALABARCES, Pablo (org.). *Futbologias: fútebol, identidade y violencia en America Latina*. Buenos Aires: CLACSO, 2003.
- \_\_\_\_\_. *As idealizações de sucesso no imaginário brasileiro: um estudo de caso*. In: HELAL, Ronaldo, SOARES, Antônio Jorge e LOVISOLO, Hugo. *A invenção do do país do futebol: mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Cultura e Idolatria: Ilusão, Consumo e Fantasia*. In: ROCHA, Everardo (org.). *Cultura e Imaginário*. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.
- \_\_\_\_\_. COELHO, Maria Cláudia. *A indústria cultural e as biografias de estrelas – as histórias de Babe Ruth e Tina Turner*. In: *Cadernos Pedagógicos e culturais Niterói: Centro Educacional de Niterói*, vol. 5, n.º 2, 1996.
- HILTON, Christopher. *Ayrton Senna: a face do gênio*; tradução, Ivanir Alves Calado. Rio de Janeiro: Rio Fundo Ed., 1991.
- HOOK, Sidney. *O herói na história*. Rio de Janeiro: Zahar Editores. 1962.
- LACAN, Jacques. *Les Quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse*, Livre XI. Seuil, 1964.
- LINS, Daniel Soares. *Ayrton Senna: a imolação de um deus vivo*. Fortaleza: EUFC, 1995.
- MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia*. Volume I. São Paulo: EPU, 1974.
- MORIN, Edgar. *As Estrelas de Cinema*. Lboa: Horizonte, 1980.
- VERNANT, Jean-Pierre. *O universo, os deuses, os homens*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.